

parece que os autores concebem dois sistemas eleitorais operando em paralelo, um para homens e outro para mulheres (de fato o fazem, p. 604). Não é! É um mesmo sistema, que exclui pobres, negros, não educados, provendo acesso privilegiado a uma elite de pessoas com características específicas, sendo majoritariamente homens brancos. Em se tratando de uma mulher, o acesso poderá ser dificultado ou não, a depender de ela cumprir outros requisitos. O pertencimento a uma determinada família, com histórico político, por exemplo, pode ser muito mais determinante da “inclusão” política do que o gênero de quem se candidata. Não se deve perder de vista outras dimensões primordiais da exclusão e da inclusão que talvez venham a ser sombreadas pelo foco no binarismo homem-mulher. A perspectiva da interseccionalidade favorece esse olhar multidimensional.

Apesar do que os autores afirmam sobre competitividade de homens e mulheres, não é isso o que o estudo do histórico da razão de chances mostra. Ironicamente, as chances das mulheres pioraram quando mais mulheres foram incluídas e adotaram-se as cotas. Ao inserirem mais candidaturas de mulheres sem o respectivo investimento necessário, os partidos acabaram diminuindo as chances calculadas para o conjunto das mulheres.

Em muitos locais, as chances de eleição de mulheres é maior que de homens. Ou seja, o grande empecilho não é o gênero, desde que a mulher esteja em algum dos outros filtros: como hereditariedade, ativismo, visibilidade midiática, socialização política, recursos financeiros próprios, partido, etc. A questão é: quem são essas mulheres e em que contextos elas têm mais chances? As razões de chances entre homens e mulheres são relativamente constantes? Ou variam muito de eleição para eleição? Como são poucas vagas, o cálculo das chances é extremamente afetado por casos isolados e, portanto, suscetíveis ao viés na análise induzido por outliers. Se as chances variam muito ano a ano eleitoral, quem são as mulheres? São herdeiras de algum candidato ou têm capital político próprio? Isso precisa ser verificado, e é outro estudo. Além disso, é importante olhar as características de quem se candidata e se elege, mas também compará-las com as de quem não se candidata. Existem diferenças marcantes? Quais? Ou estão igualmente distribuídos em relação à população? Que características distinguem a população em geral dos candidatos e dos eleitos?

VER TB: